

2. EXISTÊNCIA

É necessário em primeiro lugar achar o terreno ao qual se pertence, o que nem sempre é tão fácil. Existem, a esse respeito, naturezas felizes que têm uma disposição tão marcada por este ou por aquele caminho que vão em frente de forma conscienciosa pelo caminho indicado, sem que nunca sequer lhes passe pela mente a ideia que sua vocação fosse talvez bem outra. Outras naturezas se deixam a tal ponto dirigir pelo meio que as cerca que nunca chegam a formar uma ideia clara daquilo a que aspiram verdadeiramente. O primeiro grupo tira seu imperativo categórico do interior – o segundo, de fora. Os membros do primeiro grupo são muito raros, e eu não tenho muita vontade de me alistar no segundo. Os mais numerosos são aqueles que experimentam na vida o que significa verdadeiramente a dialética hegeliana. Não há certamente nada mais normal que o vinho fermente antes de clarear, mas este processo é muitas vezes desagradável em suas etapas [...]. Assume principalmente uma grande importância para aquele que, por si mesmo, encontrou sua vocação – não só graças a bonança que vem após a tempestade, mas porque então *se possui a vida em um sentido bem diverso de antes*.¹

A preocupação principal de Søren Aabye Kierkegaard girava em torno da questão da existência concreta (*Tilværelse*) dos indivíduos. A sua reflexão acerca da existência partia das suas próprias experiências, da sua própria realidade existencial, o que confere à sua obra um caráter bastante pessoal, indo assim de encontro aos grandes sistemas filosóficos formulados na sua época, sobretudo os de inspiração hegeliana.

Kierkegaard criticava em Hegel a sua tentativa de, através da dialética de categorias lógicas e sistemáticas, abarcar toda a realidade na sua teoria. As categorias lógicas, ainda que úteis em outros campos, não são capazes de explicar a existência humana concreta, uma vez que tais categorias são indiferentes às manifestações existenciais, não passando de pálidas abstrações da realidade. O pensamento não se basta e tampouco se origina a si mesmo, uma vez que ele é, antes de tudo, sustentado pela existência: a existência precede o pensamento.² Kierkegaard dirá:

¹ KIERKEGAARD, S., *Correspondance*. p.74 apud FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p.50. Meu grifo.

² Enquanto Hegel e os seus seguidores optavam pela coerência do sistema, Kierkegaard optou pela seriedade de uma existência que não se deixa subsumir na generalidade dos conceitos. No entanto, teria feito uma pequena concessão a Hegel e concentrado as suas críticas àqueles que o

... a ciência se afasta sempre mais da impressão primitiva da existência; não resta mais nada a viver, nada a experimentar, tudo é calculado e o trabalho da especulação é aquele de catalogar, classificar, ordenar metódico, mesmo uma singular determinação do pensamento: não se ama, não se crê, não se age, mas se sabe o que é o amor, o que é a fê, e o problema é somente indicar seus lugares no sistema.³

O desejo de Kierkegaard era que encontrássemos, a partir das nossas próprias vidas, uma verdade que pudesse nos conduzir a uma existência autêntica. Existir autenticamente é, antes de tudo, opor-se àquela existência comum, àquela existência que privilegia o geral ao invés do Indivíduo (*den Enkelte*). O homem que almeja um existir verdadeiro deve, para tanto, agir de acordo com a sua verdade interior e singular, de acordo com aquela possibilidade que lhe é mais própria. “O ideal do ‘existencialismo’ kierkegaardiano é, pois,” nas palavras de Frederico Secco, “expressar essa verdade na própria vida ou mais precisamente, vivê-la ao invés de pensá-la”.⁴ O despertar existencial ocorre quando o indivíduo rompe com o reino exclusivo dos fatos e rumo em direção à sua própria subjetividade. E o encontro com a subjetividade não pode ser intermediado por nenhum esquema conceitual. Explica Kierkegaard:

Um sistema lógico é possível, mas não é possível um sistema da existência ... sistema e conclusividade se correspondem, mas a existência é precisamente o oposto ... o pensamento sistemático, para pensar a existência, deve pensá-la como usurpada, assim, como não existente.⁵

Nesse sentido, uma vez que a existência não é um simples momento constituinte de um sistema regulado por determinações logicamente necessárias, ela exige de nós que realizemos uma escolha, ou melhor, a mais radical e arriscada das escolhas, qual seja, o significado que daremos às nossas vidas. Tal

imitavam, mas sem a mesma classe: “Está reservado aos admiradores de Hegel fazer dele um parlapatão: um adversário sempre saberá admirá-lo por ter querido alguma coisa de grande sem que o tivesse conseguido” (*OC X*, p.104 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.69). Vale lembrar que Georg Wilhelm Friedrich Hegel, nascido em 1770, falece em 1831, quando, portanto, Kierkegaard contava apenas 18 anos (1813-1855). A sua obra mais importante, *Fenomenologia do Espírito* (*Phänomenologie des Geistes*), foi publicada pela primeira vez em 1806. Para um exame introdutório sobre a querela entre Kierkegaard e Hegel conferir LE BLANC, C., *Kierkegaard*, pp.120-123 e FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, pp.66-72.

³ *Post-scriptum*, p.448 *apud* NASCIMENTO, Daniel A., *Ipseidade e alteridade em Heidegger e Kierkegaard*, p.35.

⁴ SECCO, F. Schewerin, *A Solidão da Fé em Kierkegaard*, p.99.

⁵ *Post-scriptum*, p.317 *apud* NASCIMENTO, Daniel A., op. cit., p.17.

escolha diz respeito a efetuarmos a possibilidade que é mais própria a cada um de nós, a existirmos de acordo com esta possibilidade. Daí o papel imprescindível da paixão na busca pela verdade. Pois, já que a verdade pertence ao âmbito subjetivo, qualquer meio racional (objetivo) estaria fadado a falhar em sua missão de se apoderar dela. Somente com intensa e viva paixão é que poderemos alcançar a verdade – e agir com paixão é também assumir os riscos das nossas escolhas, é se angustiar perante a responsabilidade que temos diante da nossa própria existência. “*Uma incerteza objetiva, mantida firme pela apropriação com a mais apaixonada interioridade, é a verdade*, a mais elevada verdade que existe para uma pessoa existente”,⁶ proclama Kierkegaard. Uma subjetividade infinitamente apaixonada é uma subjetividade infinitamente comprometida, empenhada consigo e, por conseguinte, com a própria existência.

A escolha radical que a existência nos conclama a realizar é sempre a escolha de nós mesmos. Escolher uma existência autêntica é escolher a si próprio – e escolher a si próprio é, por sua vez, colocar-se perante Deus. Dessa forma, Kierkegaard defendia a precedência da existência em relação à essência, pois que somente através da nossa existência concreta é que somos capazes de realizar a nossa essência, de atualizar aquilo que nós realmente somos ou devemos ser. Afinal, para o filósofo de Copenhague, “... a existência não é um abstrato produto da pressa, mas uma aspiração e uma espera perseverante”.⁷

No entanto, até mesmo a escolha se apresenta como um paradoxo: como o paradoxo de ser livre e necessária ao mesmo tempo. Livre não porque somos capazes de escolher entre isso ou aquilo arbitrariamente, e sim porque gozamos da possibilidade de não nos decidirmos, de não escolhermos nós mesmos, isto é, podemos optar por não realizarmos a nossa própria essência. E necessária porque somos sempre obrigados a fazer escolhas, qualquer que seja o estágio da vida em que nos encontremos e, mais do que isso, é necessária porque diz respeito àquela possibilidade que é essencialmente minha e que só eu posso realizar enquanto

⁶ KIERKEGAARD, *Concluding Unscientific Postscript to Philosophical Fragments* (Vol.1), trad. Howard & Edna Hong. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992. p.203. A validade de uma evidência ‘absoluta’ será sempre relativa em relação ao absoluto último (Deus) e, especialmente, em relação à existência, na medida em que essa não se esgota nas verdades da consciência em geral, isto é, nas verdades objetivas. Tal verdade só será absoluta para a existência se adotada por esta, se passar da mera evidência impessoal à convicção pela qual a existência esteja disposta a se comprometer absolutamente.

indivíduo. É necessária, enfim, porque há somente uma única escolha, a escolha radical, que me permitirá cumprir a minha vocação. Por isso France Farago, estudiosa de Kierkegaard, pode dizer que “... a existência é o sobressalto da liberdade diante do estado de fato: o fato de ser-aí sem o ter pedido, que exige um périplo patético antes de compreender que se trata de receber-se a si mesmo, ao término de um consentimento ao esforço requerido pela própria existência”.⁸

A necessidade de uma filosofia voltada à existência e de se assumir existencialmente tudo o que ela implica deita suas raízes no fato de que, enquanto seres finitos, só temos acesso à realidade empírica e é justamente nela que devemos aprender a nos orientar. Todavia, tal orientação deve, para ser bem-sucedida, preceder a realidade empírica, deve constituí-la. A orientação deverá, portanto, partir de uma origem, de um incondicionado ao qual tudo, em última instância, se reporta. Não deverá, pois, ser empírica. Enquanto seres finitos estamos limitados pela realidade empírica. Enquanto liberdade, ultrapassamos o meramente factual. A essência do homem é, pois, a liberdade e a sua tarefa é a de atualizá-la na sua existência, obrar conforme ela. Não somos (estamos) sempre livres, mas somente quando atualizamos a liberdade na nossa própria existência, temporalmente e em cada situação determinada. Dirá Farago ao comentar Kierkegaard:

O coração do drama humano está na relação da existência com uma transcendência que constitui sua abertura a um além de si mesma ou, em outras palavras, existência significa poder de decisão, possibilidade de ser e de nada, como dúvida e como fê, uma ação interior da liberdade convocada a fazer opções decisivas.⁹

A liberdade é chamada a se determinar: o indivíduo deve se decidir não por isto ou aquilo, mas, antes de qualquer outra coisa, por si mesmo. Mas se decidir por si mesmo é uma tarefa para a existência e na existência e, por isso mesmo, um *tender para* que no momento mesmo que agarra o que quer já vai esticando os braços para agarrá-lo novamente.¹⁰ A existência é transcendência, poder ser,

⁷ *Post-scriptum*, p.552 *apud* NASCIMENTO, Daniel A., *Ipseidade e alteridade em Heidegger e Kierkegaard*, p.52.

⁸ FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p.94.

⁹ *Ibid.*, p.128.

¹⁰ Existência é movimento, mudança: mudança e movimento estes que são a existência mesma perseverando. Qualitativamente oposta à existência está a razão, porque esta pressupõe, por seu turno, uma certa rigidez, já que o seu ofício é atribuir identidades fixas aos entes, privando-os

liberdade: possível que se dá no curso das nossas realizações e escolhas, a cada vez e sempre. Acrescenta Kierkegaard:

O princípio segundo o qual o pensador subjetivo existente é sempre aspirante, não significa num sentido finito que haveria um objetivo finito ao qual ele aspira e que ele haveria terminado quando houvesse atingido-o: não, ele aspira infinitamente, ele é sempre em devir ... a existência mesma, o existir, é aspirar.¹¹

A existência humana não é uma construção abstrata, irreal ou ideal. Pelo contrário, ela realiza as suas aspirações mais fundamentais, atualiza-se a si própria nas situações concretas, finita e temporalmente situadas. É por isso que Kierkegaard fala de etapas no caminho da vida, estádios através dos quais a existência se move e nos quais ela vai assumindo as suas características, participa de uma história, engaja-se com as suas escolhas, angustia-se, desespera-se, ama, é provada e encontra a sua felicidade – enfim, esferas em cujos domínios a existência se torna real.

2.1. As esferas da existência

Se imaginarmos uma residência composta de um subsolo, um térreo e um primeiro andar, e destinada a receber em cada andar pessoas de nível social diferente, e se comparamos a condição humana a essa casa, fazemos, ai!, esta triste e ridícula constatação: a maioria prefere morar no subsolo da própria residência. *Todo homem, por ser uma síntese de alma e corpo, está destinado a ser espírito: esta síntese é sua morada.* Mas ele prefere ocupar o subsolo, isto é, viver nas categorias do sensível. E não se contenta em habitar aí: pior ainda, compraz-se nisso, a tal ponto que se aborrece caso lhe proponhamos ocupar o apartamento de proprietário, livre e a seu dispor, porque, de fato, toda a casa lhe pertence.¹²

O questionamento filosófico tem sempre como ponto de partida uma situação específica, concreta e existencialmente pontuada, relacionada com o mundo e os seus eventos e, sobretudo, com o modo como nos portamos diante destes fenômenos. De maneira especial, está relacionado com aquelas situações que tendem a desafiar a nossa existência, que se nos mostram como cruciais,

de toda a mobilidade e, por conseguinte, de toda a vida. Portanto, aquela verdade que vitaliza, aquela verdade voltada à existência não se compreende e sim se vive, e vida é mudança e movimento... A esse respeito já alertava Miguel de Unamuno, na cola do seu “irmão” dinamarquês: “E é que, a rigor, a razão é inimiga da vida” (UNAMUNO, M., *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*, p.220).

¹¹ *Post-scriptum*, p.307 apud NASCIMENTO, Daniel A., *Ipseidade e alteridade em Heidegger e Kierkegaard*, p.53.

críticas, que nos põem em uma encruzilhada. Em uma palavra, está intimamente relacionado com aquelas questões que, para nós, são questões de vida ou morte. Assim pensava (e vivia) Kierkegaard:

O que me falta é ter clareza comigo mesmo sobre *o que devo fazer* e não sobre o que devo conhecer, a não ser na medida em que ideias claras devem preceder toda ação. Trata-se, para mim, de compreender qual é a minha vocação, ver o que a Providência quer propriamente que eu faça. Trata-se de encontrar uma verdade que seja verdade *para mim*, encontrar *a ideia pela qual eu possa viver e morrer*.¹³

Para Kierkegaard, o indivíduo tem a possibilidade de escolher livremente participar, na sua busca pelo sentido da sua vida, entre três esferas próprias da existência humana, a saber, as esferas *estética*, *ética* e *religiosa*.

Cada esfera da existência, ou estádios no caminho da vida,¹⁴ corresponde a um certo modo de interagir com as questões que envolvem a vida de cada indivíduo, sejam elas estéticas, éticas ou religiosas. É importante salientar que por mais que se deva fazer uma escolha entre uma dessas três esferas, não se trata absolutamente de abandonar ou negligenciar as outras duas mas, antes, de tornar uma dessas esferas o eixo ao redor do qual as outras girarão. Explica Farago:

Kierkegaard distingue assim três estádios existenciais: o *estádio estético* em que o homem se abandona à imediatidade, o *estádio ético* em que se submete à lei moral (o geral, como se diz), e o *estádio religioso* em que o homem, abraçando a eternidade, se deixa dirigir pelo amor, para além do bem e do mal. A vida, para poder chegar à plenitude, comanda a paixão de existir como amor e autoafirmação. Este ato é originário, é o ato de querer tornar-se si mesmo. A opção original do eu é um amor a si mesmo, é de verdade o primeiro amor. Todavia, o homem pode se amar mal.¹⁵

O homem pode se amar mal porque não são raras as vezes que dispersa a sua própria existência em vez de concentrá-la apaixonadamente na busca de si. De

¹² KIERKEGAARD *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p110. Meu grifo.

¹³ *Diário*, trechos 1834-1846, 1, p.51-52. Gallimard, 1941 *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p31.

¹⁴ *Estádios no caminho da vida* – ou, dependendo da tradução, *Estações na estrada da vida* (*Stadier paa Livets Vei*) – é também o nome de um livro encadernado, editado e publicado em 1845 por Hilarius Bogbinder, um dos heterônimos de Kierkegaard. (A palavra dinamarquesa para “encadernador” e, mais especificamente, para designar a função de “encadernador de livros” é *bogbinder*.) *Estádios* é o resultado da coleção de três livros diversamente orientados: *In vino veritas* (cujas orientação é estética), *Palavras sobre o matrimônio* (*Adskilligt om Ægteskabet*, de orientação ética) e *Culpado? Não culpado?* (*Skyldig - Ikke Skyldig?*, de orientação religiosa). Cada um deles é escrito sob um heterônimo diferente.

¹⁵ FARAGO, F., *op. cit.*, p. 120.

acordo com o seu comportamento em relação a si, aos outros e a Deus, ele estará mais propriamente inclinado a uma esfera específica da existência do que a outra. Conhecerá, portanto, várias facetas do amor, desde a sua degradação numa relação doentia que estabelece com a própria existência até a sua edificação numa relação saudável e bem orientada, desde que, é claro, consiga reunir as forças necessárias para fazer uma escolha radical: a escolha de si mesmo. Mas até chegar ao ponto de reuni-las, deverá exercitar-se em outras esferas, sempre com o cuidado de não se deixar extraviar nelas, porque senão todos os seus esforços, por mais sinceros e bem-intencionados que tenham sido, resultarão em nada: amou muito, se entregou absolutamente ao amor, amou até a exaustão, a dor e as raias do entendimento humano, mas jamais foi correspondido.

2.1.1. Estádio estético

Ouçá *Don Giovanni*... ouça o começo de sua vida, como o clarão que jorra das sombrias nuvens da tempestade... Ouça como ele se precipita na diversidade da vida e esbarra em suas sólidas muralhas; ouça esses leves acordes do violino no baile, o chamado da alegria, a euforia do prazer, a solene felicidade do gozo; ouça o seu ritmo fogoso ..., sempre mais rápido e cada vez mais irresistível; ouça a concupiscência sem freios da paixão, o sussurro do amor, o cochichar da tentação, o turbilhão da sedução, o silêncio do instante – ouça, ouça, ouça o *Don Giovanni* de Mozart.¹⁶

O estágio estético é caracterizado pela busca do prazer imediato por parte do indivíduo. Tal indivíduo, a fim de satisfazer a insaciável vontade do seu espírito de usufruir o prazer que cada novo instante pode lhe trazer, evita qualquer espécie de obrigação que possa desviá-lo dos seus objetivos particulares. Ele não se compromete com nada que não seja os seus próprios caprichos e veleidades. “O que Kierkegaard denuncia no esteta”, explica Farago, “é o fato de se negar ao compromisso existencial, a complacência na imediatidade da vida para evitar

¹⁶ KIERKEGAARD, OC III, p.99 *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, pp.83-84. A figura de Don Giovanni ou Don Juan – segundo a sua versão italiana ou espanhola – representava, para Kierkegaard, o ideal do esteta: aquele sujeito que avesso às determinações éticas da existência concentra toda a sua paixão na imediatez dos sentidos e do instante. No entanto, é digno de nota que enquanto na versão de Don Giovanni que Kierkegaard tanto gostava – a de Mozart, levada aos palcos pela primeira vez em 1787 e cujo libreto fora escrito por Lorenzo da Ponte –, o anti-herói não encontra a redenção dos seus pecados, na sua versão mais popular – escrita por José Zorrilla, poeta e dramaturgo espanhol, e estreada em 1844 – Don Juan será salvo pelo amor de Dona Inés: “Yo mi alma he dado por ti / y Dios te otorga por mí / tu dudosa salvación. / Misterio es que en comprensión / no cabe de criatura, / y sólo en vida más pura / los

confrontar-se com as verdadeiras questões, a supervalorização do possível e do virtual em detrimento da realidade”.¹⁷ O esteta não atualiza a sua liberdade. Chamado a se determinar, a reconhecer-se como síntese de tempo e eternidade, prefere seguir na impassibilidade, refém do imediato e de possíveis com os quais, apesar de querer experimentar, teme comprometer-se. E tal é a queixa que a jovem Cordélia registra numa carta endereçada a Johannes, a qual lhe foi devolvida ainda lacrada:

*Havia um homem rico que possuía ovelhas e gado em grande quantidade; havia uma pobre rapariga que apenas possuía uma ovelha, uma ovelha que comia do seu pão e bebia da sua água. Tu eras o homem rico, rico de tudo o que de esplêndido existe sobre a terra; eu era a pobre rapariga que apenas possuía o seu amor. Tomaste-o e regozijaste-te com ele; depois o desejo acenou-te e sacrificaste o pouco que eu possuía; mas das tuas próprias riquezas nada pudeste sacrificar.*¹⁸

Existem dois aspectos que mais se destacam no indivíduo que vive na esfera estética da existência. Podemos afirmar, antes de tudo, que o indivíduo estético nunca está no controle, quer dizer, “seu relacionamento com o mundo é basicamente passivo, e sua satisfação fica sujeita, afinal, a condições cuja satisfação independe de sua vontade”.¹⁹ Sem o domínio de si mesmo nem da situação, o esteta vive unicamente para o momento, na busca da satisfação de prazeres imediatos e contingentes, não possuindo qualquer tipo de estabilidade na sua vida. Prossegue Gardiner: “Sem compromisso com nada permanente ou definido, disperso no ‘imediatismo’ sensual, ele pode pensar ou agir de uma forma num momento e de outra mais tarde”.²⁰ A partir do momento em que o indivíduo estético perceber que a sua existência está à mercê de tudo aquilo que é por natureza incerto ou perecível, que a sua vida carece de bases sólidas e que o seu

justos comprenderán / que el amor salvó a don Juan / al pie de la sepultura” (Segunda parte, Ato III, Cena III). Talvez Kierkegaard tivesse apreciado ainda mais esse final alternativo.

¹⁷ FARAGO, F., op. cit., p128.

¹⁸ KIERKEGAARD, Søren. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.10. *Diário de um sedutor (Forførerens Dagbog)* foi escrito por Johannes, o Sedutor, outro heterônimo de Kierkegaard. Tal diário se encontra no final da primeira parte de *Ou... ou (Enten - Eller)*, publicado em 1843), que é justamente a parte do livro reservada à defesa do modo de vida estético. Johannes descreverá como ele manipulou a sua relação amorosa com Cordélia para que ela se tornasse esteticamente interessante, a despeito de quaisquer considerações éticas.

¹⁹ GARDINER, Patrick L., *Kierkegaard*, p.53.

²⁰ Ibidem. loc. cit.

caráter não é nada além que vacilante, então esse indivíduo pode até mesmo se desesperar quanto à sua situação. Ilustra Kierkegaard:

Assim comigo, diante de mim, sempre um espaço vazio; o que se passa à minha frente é uma consequência situada atrás de mim. Esta vida é o mundo pelo avesso; é cruel e insuportável... Diz-se: o tempo passa, a vida é uma torrente, etc. Não o percebo, o tempo permanece imóvel, eu também. Todos os planos de futuro que esboço voltam direto para mim: quando quero escarrar, cuspo no próprio rosto.²¹

Mesmo em face dessa nova consciência sobre a sua própria condição, tal indivíduo pode ainda tentar reprimir ou simplesmente ignorar o desespero que se apossou dele e se recusar com isso a buscar novas formas mais edificantes de vida. É como se esse indivíduo tentasse, valendo-se para tanto dos mais variados e insólitos expedientes, livrar-se da responsabilidade intransferível que possui diante das escolhas que pode e deve fazer e das mudanças que estão ao seu alcance efetuar. Aqui está, pois, o segundo aspecto característico de tal pessoa que vive na esfera da existência estética: “ela pode ver sua situação como um estado a que está condenada, destinada”.²² Em outras palavras, ela começa a achar que a dor, o sofrimento, a tristeza são aquilo que dá o significado da sua vida, e não mais o prazer como acreditava antes. Como explica Gardiner: “Ao aceitar um ponto de vista fatalista ou necessário, o indivíduo tacitamente se isenta da responsabilidade por sua condição, bem como da obrigação de fazer qualquer coisa a respeito”.²³ No estágio estético o eu vive alienado de si, indiferente à reflexão que o atualiza enquanto síntese, preso à imediatez das suas relações consigo e com o mundo.

O imediato, o puro sensível desconhece o possível, porque este é da ordem do eterno, o qual rompe a cadeia da necessidade. Por isso o eu, a subjetividade, está fadada a desaparecer quando limitada ao puro imediato: síntese de finito e eterno, necessita estar sempre em contato com este último, coisa que só é possível graças à fé, único elemento capaz de reunir finitude e eternidade. Sem a eternidade, no puro imediato, o homem se desconhece como liberdade, como possibilidade de devir, como projeto – apesar de todas as determinações – fundamentalmente inacabado.

²¹ OC III, p.23-25 *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, pp.122-123.

²² GARDINER, Patrick L., *op. cit.*, p.55.

²³ *Ibid.*, p.56.

A ausência de possível significa ou que tudo se tornou necessário ou que tudo se tornou cotidiano... A cotidianidade, a trivialidade, não conhece o possível... Desprovido de toda fantasia, o filisteu nunca deixa de ser filisteu (quer seja um cervejeiro ou um ministro), vive em uma concepção limitada, banal, da experiência.²⁴

O esteta vive para o instante: o instante passa, ele fica, ele sofre. Falta-lhe a categoria do eterno. Entre um instante e outro, o esteta se lembra de si e se sabe desesperado (em desacordo consigo). O esteta quer absolutizar o instante, mas carece do eterno, único elemento capaz de conferir ao instante densidade ontológica, isto é, sacá-lo do meramente empírico. Essencialmente melancólico, quer sempre retomar o instante vivido, quereria fazê-lo durar eternamente, mas não o pode. Presente e futuro serão para ele nada mais do que manifestações desse seu tédio em relação a uma vida sem esperança, agarrada a um passado irrepetível. Preso ao passado, não conhece a esperança no futuro. Arrasta-se então por essa “eternidade sem gozo”,²⁵ o tédio. Kierkegaard recorre mais uma vez à imagem do Don Juan para exemplificar a relação do esteta com a existência:

²⁴ KIERKEGAARD *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p.116.

²⁵ Cf. FARAGO, F., *op. cit.*, p.122. É interessante notar que o retrato que Kierkegaard nos descreve do esteta se assemelha, de maneira significativa, a algumas considerações presentes em Kant na sua *Crítica da faculdade do juízo* (*Kritik der Urteilkraft*), de 1790, quando se propõe a discutir o juízo estético ou de gosto. E muito embora os dois filósofos tratem de questões específicas, podemos notar-lhes semelhanças a respeito da apreciação que fazem sobre o tédio. Para Kant, por exemplo, se as belas artes não possuírem qualquer ligação com ideias morais, então serão totalmente perecíveis e perniciosas para o espírito, gerando pouco a pouco tédio e insatisfação: “Se as belas artes não são próxima ou remotamente postas em ligação com ideias morais, que unicamente comportam uma complacência independente, então o seu destino final é o apontado por último. Elas, então, servem somente para a dispersão, da qual sempre nos tornamos tanto mais carentes quanto mais nos servimos dela para afugentar o descontentamento do ânimo consigo próprio através de um tornar-nos sempre ainda mais inúteis e descontentes com nós próprios” (KANT, Immanuel, *Crítica da Faculdade do Juízo*, Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2005. p.171). A diferença é que para Kierkegaard a ética livrará o indivíduo do tédio ao qual está fadado no estágio estético apenas temporariamente, pois somente no estágio religioso é que tal indivíduo poderá livrar-se verdadeiramente desta “eternidade sem gozo”.

Além de Kant, poderíamos evocar uma das passagens mais conhecidas de Pascal para acabarmos de compor o quadro do tédio: “Nada é mais insuportável ao homem do que um repouso total, sem paixões, sem negócios, sem distrações, sem atividade. Sente então seu nada, seu abandono, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência, seu vazio. Incontinenti subirá do fundo de sua alma o tédio, o negrume, a tristeza, a pena, o despeito, o desespero” (PASCAL, Blaise, *Pensamentos*, Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.70). Não, é claro, antes de citarmos o próprio Kierkegaard: “Tédio, esta eternidade sem conteúdo, esta felicidade sem gozo, esta profundidade superficial, esta saciedade faminta. Mas o tédio é precisamente a unidade negativa assumida numa consciência pessoal, em que os contrários desaparecem” (KIERKEGAARD, Søren, *O Conceito de Ironia constantemente referido a Sócrates*, Trad. Álvaro L.M. Valls. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2006. pp.246-247).

Don Juan é uma imagem resultante do jogo de múltiplos acasos como essas ondas encapeladas na superfície do mar que compõem por um breve momento uma forma mal e mal esboçada: *uma pessoa sem personalidade que se reduz a aflorar a existência. O movimento variável do mar é aqui a metáfora para uma vida estética, carente de reflexão, toda fluência e turbulência*. A sensualidade indeterminada é a esfera da mobilidade inapreensível que nenhuma imagem nem conceito algum podem fixar adequadamente, mas somente a música pode exprimir, porque ela é, para lá da esfera da representação, aquilo em que se recolhe a essência a-histórica do desejo destinado à repetição.²⁶

O esteta vive na melancolia do passado, no tédio do presente e na desesperança em relação ao futuro. Quer encontrar no tempo aquilo que o tempo, por si só, não lhe pode oferecer: a eternidade. Busca toda sorte de prazeres, se entrega a todas as possibilidades (sem, contudo, chegar a assumir realmente nenhuma) a fim de eludir a única questão que verdadeiramente importa: o acordo de si consigo. Envolvido pelo tédio de não ser si próprio, desconfiado do trabalho infundável que se supõe realizar a síntese que se é, o esteta prefere se entregar ao que a vida tem de imediato, disfarçando assim o seu tédio por baixo da máscara da volúpia dos sentidos. Johannes, o Sedutor, um esteta por excelência, tem para si uma imagem bastante nítida (embora não fidedigna) das vantagens do modo estético de existência, que o faz desenvolver uma verdadeira repulsa pelo estágio ético: “Sob o céu da estética tudo é leve, belo, fugitivo, mas assim que a ética se mete no assunto tudo se torna duro, anguloso, infinitamente fatigante”.²⁷ Seja como for, é certo que na relação com a eternidade não há tédio, porque na eternidade as possibilidades se renovam sempre. Afinal, quando o tempo é vivenciado a partir ou de dentro da eternidade, então não há tédio, mas antes uma eterna novidade do mesmo. Celebrará Anti-Climacus, um dos heterônimos de Kierkegaard:

Eis o motivo pelo qual minha voz se elevará no júbilo, mais forte que a voz da mulher que deu à luz, mais forte que o grito de alegria dos anjos por um pecador que se arrepende, mais alegre que o canto dos pássaros ao raiar do dia: pois o que eu procurei, achei; e mesmo que os homens me arrebatassem tudo, mesmo que me excluíssem de sua sociedade, eu conservaria mesmo assim esta alegria; ainda que me tomassem tudo de volta, conservaria sempre a melhor parte, o espanto repleto de felicidade que nos trazem o amor infinito de Deus e a sabedoria dos seus desígnios.²⁸

²⁶ OC I, p.85 *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, pp.121-122. Meu grifo.

²⁷ KIERKEGAARD, Søren, *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p.51.

²⁸ *O desespero humano apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, pp.126-127.

Contudo, não se trata absolutamente de postergar a felicidade para o âmbito de uma vida pós-morte, pois fazê-lo seria assumir o fracasso da própria existência. A promessa de felicidade trazida pelo cristianismo está consagrada, tal qual Kierkegaard a compreende, não somente à plenitude dos tempos, mas especialmente à existência *hic et nunc*, isto é, aqui e agora, no curso da vida e do devir. Entretanto, antes de chegarmos à esfera religiosa, convém que passemos primeiro pelo estádio ético, pois embora não haja uma sequência lógica na ordem de sucessão dos estádios, o indivíduo que superou o estádio estético e que se encontra no ético estará sempre mais disposto e num ambiente muito mais propício a efetuar o salto para o estádio religioso do que o esteta.

2.1.2. Estádio ético

Não sou um rigorista em moral, nem um entusiasta da liberdade formal e abstrata: uma vez feita a opção, toda a estética reaparece e, assim verás, só então a vida se torna bela, porque *é só por este caminho que o homem será capaz de salvar sua alma e ganhar o mundo inteiro, usar o mundo sem dele abusar...* Mas, que é a vida estética, que é a vida ética? A esta pergunta respondo: *a estética é no homem aquilo pelo qual ele é imediatamente o que é; a ética é no homem aquilo pelo qual ele se torna o que se torna.*²⁹

O estádio ético se caracteriza pela importância que a responsabilidade e o dever têm para o indivíduo ético. Este assume como meta da sua existência a realização dos objetivos do geral, isto é, o cumprimento dos seus deveres e obrigações perante a sociedade em que vive. A mediação privilegiada entre o indivíduo e o geral será, na esfera ética, o matrimônio (ou a família).³⁰

Na instituição do matrimônio, o indivíduo esteta sai do âmbito do imediato ao optar pelo compromisso de se tornar responsável por si mesmo e pelos outros

²⁹ KIERKEGAARD, *Ou bien... ou bien*, p.516 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.133. Meus grifos.

³⁰ O segundo dos três livros que compõem os *Estádios* se chama integralmente *Palavras sobre o matrimônio em resposta a certas objeções por um esposo (Adskilligt om Ægteskabet mod Indsigelser af En Ægtemand)*. Neste livro, o Juiz Wilhelm, assim como fizera em *Ou... ou* continua firme na sua defesa do casamento e, por conseguinte, da ética em face do modo de vida estético. Se em *Ou... ou* ele troca cartas com A, quem representava o estádio estético, aqui o seu ensaio moral será apresentado como que uma resposta à discussão que o antecede nos *Estádios*. Tal discussão ou colóquio está registrado sob o título de *In vino veritas (O Banquete)*, em português, no qual nos é narrada uma espécie de banquete em que os participantes discorrem esteticamente sobre o amor. Tanto o Juiz Wilhelm como os seus opositores são todos heterônimos de Kierkegaard.

(a sua família, o bem-estar da sociedade, etc.); larga a busca pelo instante para assumir, no tempo, aquilo que se lhe assemelha à eternidade, a saber, o compromisso resoluto com uma lei moral. Já não é usado pelo tempo, já não vive uma existência descontínua, já não se deixa levar pela vaidade, mas antes escolhe afirmativamente uma possibilidade de vida com a qual se compromete integralmente. E se o esteta – poderia se objetar – de certa forma também se compromete com o seu modo de vida estético, não há para o sujeito ético verdadeiro comprometimento quando este não contempla o cuidado em relação ao outro. E, de todas as maneiras, o compromisso do qual se fala não é tanto com uma visão de mundo particular, mas antes o compromisso que um indivíduo deve ter consigo mesmo, e comprometer-se consigo implica, em última instância, comprometer-se também com os outros. As primeiras *Palavras sobre o matrimônio* do Juiz Wilhelm serão estas:

Meu querido leitor: Se não tens tempo nem ocasião de consagrar uma dezena de anos de tua vida a uma viagem ao redor do mundo a fim de observar nele tudo o que pode aprender um circum-navegador; se te faltam, por não ter estudado largamente as línguas estrangeiras, os dons e os meios para te iniciares nas diversas mentalidades dos povos que se revelam aos sábios; se não pensas em descobrir um novo sistema astronômico que suprima o de Copérnico tanto como o de Ptolomeu, então, casa; e até se tens tempo para viajar, dons para o estudo e esperança de fazer descobertas, casa igualmente. Não lamentarás, ainda que isso te impedisse de adquirires o conhecimento de todo o globo terrestre, te expressares em muitas línguas e compreenderes o espaço celeste; pois o matrimônio é e seguirá sendo a mais importante viagem de descobrimento que possa empreender o homem; *qualquer outro conhecimento da existência, comparado ao de um homem casado é superficial, porque ele e só ele penetrou realmente a existência.*³¹

É no estágio ético que, pela primeira vez, o indivíduo se considera responsável pelo outro. É, portanto, neste estágio que o indivíduo começa a se relacionar de maneira consciente com o seu fundamento, pois a sua relação com o outro não passa de um reflexo da sua relação com este fundamento que é comum a todos (assumidamente ou não). É impossível relacionar-se com o fundamento e não se estabelecer uma relação autêntica com os outros. E a autenticidade da relação de um indivíduo com os outros será medida e assegurada por suas relações éticas, já que o fundamento indeterminado deverá se determinar de alguma maneira a fim de ser atualizado. Esta maneira se manifesta no estágio ético, pois

que se volta exatamente a regular as relações com vistas ao tratamento responsável da alteridade, para que a abertura ao outro tome contornos e dimensões adequadas, admitindo e preservando-lhe o nosso fundamento em comum. “O casal consagra – pontua Farago – a escolha recíproca de um pelo outro, lugar de uma busca de si mesmo na verdade face à alteridade à qual é mister articular-se em um amor não fusional, não confusional”.³² A verdade só se revela na face do outro, em face da alteridade – seja a do totalmente outro, Deus, seja de algum outro “mais próximo”. Sem diferenciação, a verdade permaneceria para sempre velada, inacessível. A excessiva proximidade assim como a excessiva distância são ambas causas da indiferença: há de se manter a distância conveniente para que o outro se revele adequadamente, para que os seus contornos não sejam perdidos. Dirá Kierkegaard a respeito da oração, canal de comunicação com o absolutamente outro:

Nada mais simples que orar... No entanto, como é difícil orar. Do ponto de vista do intelecto, é preciso ter uma ideia bem clara de Deus, do meu “eu” e de minha relação com Deus, e ainda da dialética própria da oração se, de uma parte, não quero confundir a Deus com outra coisa, ao qual então não oro..., e se na minha oração quero manter minha diferença em face de Deus e minha relação com Ele. Casais dotados de bom senso garantem que precisaram de meses e anos de vida cotidiana em comum, para aprenderem a se conhecer um ao outro e, no entanto, bem mais difícil é conhecer a Deus.³³

Ora, se no estágio estético não há verdadeira abertura ao outro, no religioso, como iremos ver à continuação, o indivíduo supera o geral. Portanto, o reconhecimento das origens em comum – que, bem entendido, só acontece de maneira integral no estágio religioso –, o reconhecimento de si como abertura à alteridade, só pode ser expresso convenientemente na dimensão ética. Tal movimento é o curvar-se do religioso *sobre* o ético e *para* o ético, o qual, por sua vez, reconcilia o estético consigo. A esfera ético-religiosa é, dentre todas as outras esferas, a que melhor cumpre as exigências existenciais. Sem embargo, embora o estágio religioso se volte ao ético, não é verdade que se esgotaria nele. “O religioso está voltado para o interior e tem consciência de existir no devir;

³¹ KIERKEGAARD, *Etapas en el camino de la vida*, Buenos Aires: Santiago Rueda, 1952. p.95. Meu grifo.

³² FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p.130.

³³ *PS OC*, p.152 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.114. Meu grifo.

relaciona-se, portanto, com uma beatitude eterna”.³⁴ E esta beatitude eterna transcende o ético, conquanto se manifeste justamente aí.

A transição entre um modo de existência para o outro, ressalta Gardiner, “... só poderia ser conseguida por meio da escolha pessoal, irrestrita e irreduzível, entre as alternativas”.³⁵ Além do mais, tal transição não se presta a nenhum tipo de mediação, sendo efetuada por uma espécie de rompimento brusco, haja vista que tais esferas da existência (estética e ética) são totalmente incompatíveis entre si sob o ponto de vista do esteta, isto é, daquele que virá a realizar o salto para o ético. Contudo, uma vez no estágio ético, cumpre ao indivíduo assumir sob um novo ângulo algumas características daquela esfera que ele acabou de abandonar. Explica Farago:

Longe de limitar as categorias de estético, ético e religioso a *estádios* ou etapas que se eliminam reciprocamente à medida que cada um vai progredindo, ele [Kierkegaard] os toma como características de *esferas* existenciais que se subordinam umas às outras, sem abolir o que cada uma comporta de positivo, de expressivo da verdadeira vida.³⁶

O estágio ético funciona como um ponto de equilíbrio entre o eu individual e o eu social, deixando o primeiro se guiar pelo último com vistas a uma existência feliz e realizada. A vida que antes era dispersa torna-se agora concentrada na opção que o indivíduo faz pela responsabilidade do cumprimento ético. O indivíduo que vive na esfera ética da existência tem a sua própria personalidade como o “absoluto”, isto é, como o seu fim e objetivo. O indivíduo ético é aquele que *escolhe a si mesmo*, quer dizer, que assume inteiramente a responsabilidade por si, pelas suas ações e atitudes, pelas suas escolhas; ele jamais permite que sua vida seja dominada por fatos externos e contingentes. “Ao contrário – esclarece Gardiner – do homem estetizante, continuamente preocupado com o externo, sua atenção dirige-se a sua própria natureza, a sua realidade substancial como ser humano com tais e tais talentos, inclinações e paixões, sendo que estas permanecem sob o seu controle”.³⁷ Indispensáveis, portanto, ao indivíduo ético são as ideias de autoconhecimento, autoaceitação e

³⁴ KIERKEGAARD, *PS*, p.307 *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p.228.

³⁵ GARDINER, Patrick L., *Kierkegaard*, p.57.

³⁶ FARAGO, F., *op. cit.*, pp.127-128.

³⁷ GARDINER, Patrick L., *op. cit.*, p.58.

autorrealização. Contudo, apesar de parecer que Kierkegaard dá primazia à dimensão particular, subjetiva, do indivíduo ético e deixa de lado a sua outra dimensão, a social, que é onde as suas qualidades éticas se objetivam, o fato é que essas duas dimensões se confundem. Segundo Gardiner:

Não precisa haver conflito entre as aspirações individuais e as exigências da existência comunitária; como parte integral da sociedade a que pertence, o indivíduo vivencia os deveres e responsabilidades que ela lhe impõe não como restrições alienígenas, mas como dando forma objetiva a valores e interesses que ele internamente reconhece como seus próprios.³⁸

Numa palavra, longe de ser um eu abstrato, completamente alijado de si e do mundo, o que o indivíduo ético busca realizar é um eu concreto, social, presente como membro ativo de uma sociedade específica. A seriedade do ético está em assumir para si os valores e leis morais que regulam a vida pública. “Em termos mais precisos”, explicará Farago, “escolher eticamente é optar por si mesmo e concentrar-se, e isto optando por si mesmo no mundo sem fugir das tarefas que impõe, no lugar concreto designado a cada um”.³⁹ O ético é aquele que age de acordo com os imperativos morais a fim de se tornar si próprio. Em outras palavras, o que o eu deve se tornar é consoante àquilo que o eu deve realizar na vida pública e em relação aos seus pares. Arne Grøn, compatriota e estudioso de Kierkegaard, falará sobre esta questão no seu artigo *Kierkegaard – Ética da subjetividade*:

Em primeiro lugar e sobretudo, a ética de Kierkegaard não significa uma exigência geral, e sim uma exigência dirigida ao indivíduo. Neste sentido a ética isola o indivíduo *enquanto* indivíduo: a ética “singulariza”. O indivíduo está determinado eticamente a ser irredutivelmente *este* indivíduo, a saber, *este* agente humano. Portanto, a subjetividade implica em assumir responsabilidade [...]. A responsabilidade significa responder ou dar conta de si mesmo. É por isso que em *A alternativa* [Ou... ou] Kierkegaard vê a ética como um assunto de se escolher a si mesmo. A isto se poderia objetar que a ética tem, em primeiro lugar, a ver com a relação que se dirige ao próximo, ou com a relação que se dirige a um mundo compartilhado com outros. Mas *nesta* relação, o que se tem que fazer é dar conta de si mesmo. Só isto converte a relação numa relação ética. Neste sentido a ética consiste em ser este indivíduo. Mas o ponto então é que você é exatamente este indivíduo em relação com outros. A perspectiva de primeira pessoa é a de

³⁸ GARDINER, Patrick L., *Kierkegaard*, p.61.

³⁹ FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p.125.

relacionar-se a si mesmo com outros e com um mundo compartilhado com outros. À ética concerne esta autorrelação em relação aos outros.⁴⁰

Há um ponto, todavia, em que a posição ética não é capaz de resolver todos os problemas e aflições que podem sobrevir a uma pessoa ao longo da sua vida. De modo que, como o entende Gardiner, “... cada pessoa deve encontrar seu próprio caminho por meio de um processo de compreensão interior que faça justiça à sua individualidade e que possa – conquanto soe paradoxal – conduzi-la além das fronteiras do próprio modo de vida ético”.⁴¹ O indivíduo não se sente de todo satisfeito no terreno da ética porque se de um lado ela é capaz de fornecer segurança à sua vida pública, às suas aspirações que concorrem para o âmbito do geral, por outro é inepta para orientá-lo em sua busca por aquela subjetividade que permanece secreta e avessa às determinações relativas e ordinárias, porque antes demanda uma consulta com a força que a sustenta. O indivíduo ético se relaciona de maneira relativa com o fim absoluto e de maneira absoluta com os fins relativos quando deveria, contrariamente, relacionar-se de maneira absoluta com o fim absoluto e relativa com os fins relativos. Mas para isso deverá suspender a ética, porque a ética é incapaz de lidar com a exceção em que deve se tornar o indivíduo.

E é exatamente nos limites do ético que o estágio religioso se deixa entrever pela primeira vez. Se no estágio estético o indivíduo quer se afirmar na pura imediatez (sem nunca chegar, portanto, a reconhecer-se como subjetividade, já que isto exige que se submeta a imediatez à reflexão), e se no ético afirma a sua subjetividade mas de maneira incompleta, porque ainda não reportada à transcendência que a constitui, no religioso ele, o indivíduo, fica cara a cara com o absoluto.

O processo de vir a ser si mesmo é iniciado no estágio ético (para ser mais exato, na transição entre o estético e o ético), porém só encontra, não o seu termo, mas a sua maior tensão no estágio religioso. Assim como o indivíduo deve se afirmar eticamente no geral, deverá também se afirmar espiritualmente diante de Deus, em sua plena singularidade. Somente quando este segundo passo for dado é que o primeiro assumirá uma verdadeira autenticidade. Note-se, todavia, que não

⁴⁰ GRØN, Arne, *Kierkegaard – Ethics of subjectivity* in “El Gabarato” n° 12. México, outubro de 2000. Tradução de Leticia Valadez H. pp.4-5.

⁴¹ GARDINER, Patrick L., op. cit., p.63.

se trata de uma suspensão arbitrária da ética, mas sim teleológica, com vistas a um fim que lhe é superior, ou em todo o caso a um fim que se lhe julga superior. Comentaré Ricardo Gouvêa a respeito disso:

A suspensão teleológica da ética não significa que se deva colocar de lado nossos princípios éticos apenas por um instante para que possamos, por um propósito melhor, alcançar algum fim religioso. Significa sim, que a “estação” (*Stadium*) ética como forma de vida é suspensa para que a “estação” religiosa possa prevalecer, e o espírito ético possa reaparecer, agora qualificado pelo religioso. A suspensão teleológica da ética é a suspensão do privilégio da esfera ética de ser teleológica. É *a suspensão da teleologia da esfera ética!!* Em outras palavras, o que se quer dizer com suspensão teleológica não é que o eticamente aceitável é temporariamente suspenso devido a um excepcional chamado de Deus para a ação. Diz-se, isto sim, que o ético como estilo de vida, como filosofia de vida, é que deve ser suspenso.⁴²

O estádio ético é, ainda, insuficiente porque, pretendendo ser autônomo, carece da sustentação de um terceiro elemento indispensável: Deus. O estádio ético não é um fim em si mesmo, mas antes a conformação da eternidade no tempo e, como tal, deve subordinar-se (ser um fim relativo) à eternidade. A esfera ética é mais elevada do que a esfera estética na medida em que esta desconhece a autorreflexão, a importância da alteridade e o compromisso resolutivo com a própria existência. No entanto, superar o estádio ético é compreender que existe uma instância absoluta, superior portanto ao ético, mas sem deixar de, em seguida, reconhecer que a esfera ética é uma determinação, uma manifestação dessa instância superior.

2.1.3. Estádio religioso

Quando a alma se acha sozinha em todo o universo, vê aparecer diante de si... o poder eterno como tal: então o céu parece abrir-se e o eu opta por si mesmo, ou melhor, recebe-se a si mesmo. Então a alma viu o bem supremo que o olhar de nenhum mortal poderia contemplar e que ela não pode jamais esquecer. A personalidade então recebe o abraço que consagra o homem cavaleiro da eternidade. *O homem não se torna outro que não fosse antes, torna-se ele mesmo. Sua consciência se concentra, e ele é ele mesmo.* Um herdeiro, mesmo herdeiro dos tesouros do universo, não os possui antes da maioridade. De maneira semelhante, mesmo a personalidade mais rica não é nada antes de ter feito a opção por si mesmo, enquanto aquela que se poderia dizer a mais pobre é tudo quando fez a

⁴² GOUVÊA, Ricardo Q., *A palavra e o silêncio*, pp.236-237.

opção por si mesma, *porque a grandeza humana não consiste em ser isto ou aquilo, mas ser si mesmo. E todo homem o pode quando quer.*⁴³

O estádio religioso se apresenta como uma superação do estádio ético. Essa superação só pode ser alcançada através de um *salto* qualitativo da esfera ética para a religiosa. É somente através da *fé* que o indivíduo se torna capaz de efetuar esse salto. Enquanto que no estádio ético o indivíduo dispõe de regras gerais que determinam as suas ações, no estádio religioso ele é desprovido de quaisquer diretrizes externas que possam justificá-las. O indivíduo que participa da esfera religiosa se encontra imerso na sua própria subjetividade. Ao abandonar o estádio ético, o indivíduo religioso também abandona, ou melhor, supera a razão em favor da fé, uma vez que aquela é incapaz de solucionar os paradoxos próprios do estádio religioso. Contudo, Farago observa que

... a ética não poderia ser “suspensa” a não ser quando alcançou a plenitude da sua medida: a suspensão não é uma dispensa, nem mesmo uma derrogação. É um além que não cancela um só *iota* à exigência do geral. Mas aquilo que o religioso exige, além do ético ou, em todo o caso, conjuntamente com ele na maioria das vezes, é um ato que ultrapassa o estrito mandamento da lei rumo à gratuidade e ao caráter incondicional do amor [...].⁴⁴

Somente alguém imbuído de um verdadeiro sentimento ético está apto a suspender a esfera ética, o geral, isto é, realizar o salto da fé. E isso porque o estádio religioso exige o máximo de comprometimento do ético, pois apenas então o seu sacrifício (a sua suspensão) será válido. Em todo o caso, a suspensão da ética não a elimina, mas antes a mantém como medida e termo da realização do religioso. Medida porque ainda que o religioso esteja além do ético, ele continua todavia sob a sua mirada e constante avaliação, definindo-se pela relação (à primeira vista) antagônica que mantém com o geral, sem contudo deixar de reconhecer a legitimidade da sua exigência (do ético); termo porque o salto da fé se volta ao próprio ético, à existência temporal, às limitações sem as quais essa *feliz paixão* que é a fé ou, de outro lado, o amor por meio do qual Deus se dirige aos homens não se atualizaria. “Ter conhecido o amor – confia Kierkegaard – concede à natureza humana uma harmonia que nunca mais se apaga

⁴³ KIERKEGAARD, *Ou bien... Ou bien*, col. “Bouquins”, p.515 *apud* FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, pp.131-132. Meus grifos. A mesma imagem do herdeiro também pode ser encontrada em *Gálatas* 4:1-7.

completamente”.⁴⁵ A verdadeira felicidade é aquela que, gerada na eternidade, se realiza no tempo. É o gozo da eternidade no tempo. Tal felicidade é o resultado da adequação do indivíduo a si mesmo e, por conseguinte, com o seu fundamento, sendo portanto somente atingível no estágio religioso, que é onde tal encontro é promovido.⁴⁶

O estágio religioso é, pois, o responsável por elevar o indivíduo a uma nova perspectiva, uma perspectiva privilegiada em relação ao mundo e a si próprio. Somente o indivíduo que conseguiu alcançar o religioso é capaz de manter o paradoxo no qual ele se torna a *exceção* – por conseguinte radicalmente diferente dos outros – ao mesmo tempo em que reconhece a sua unidade com eles, o seu fundamento em comum. Encontra uma verdadeira alegria no matrimônio, em pertencer a uma família e a uma comunidade, assumindo sem exageros as suas determinações gerais e estabelecendo finalmente as pazes com o outro; mas isso somente porque habita, antes e primordialmente, na proximidade de Deus. Dirá Kierkegaard:

*No plano religioso não há público, mas apenas indivíduos; pois o religioso é o sério, e o sério, o indivíduo. Simplesmente cada um, sem exceção, enquanto homem que é, com efeito, pode e deve ser Indivíduo [...]. Se estou persuadido da retidão do meu pensamento a despeito do mundo inteiro, depois dele, a última coisa à qual eu quereria renunciar é à minha fé em todo homem. E se estou firmemente convencido de que tanto os homens que se tornaram “público”, “massa” irresponsável e impenitente podem ser confusos, maus, abomináveis, como igualmente podem ser verazes, bons e amáveis, desde que se tome cada um em particular. Oh! Quanto não seriam... humanos e dignos de serem amados, se quisessem tornar-se Indivíduos diante de Deus!*⁴⁷

No entanto, o plano religioso sobre o qual Kierkegaard nos fala encontrará a sua representação máxima na figura de Jesus Cristo e, por extensão, na fé cristã.⁴⁸

⁴⁴ FARAGO, F., op. cit., p.126.

⁴⁵ KIERKEGAARD *apud* FARAGO, F., op. cit., p.49.

⁴⁶ A felicidade é, para o indivíduo, vir a tornar-se si mesmo, ainda que isto lhe custe o preço de se ver transformado na exceção, isto é, o sacrifício da sua imediatez. O indivíduo é feliz não porque se alegra todos os dias, mas porque todos os dias pode contar com o suporte da eternidade. Finalmente achou equilíbrio em si, cuja estabilidade no tempo é mantida justamente pelo auxílio da eternidade.

⁴⁷ KIERKEGAARD, *Sur mon œuvre d'écrivain*, OC XVII, p.270 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.144. Meus grifos.

⁴⁸ Todavia, apesar de o cristianismo ser a sua referência máxima e mesmo única, Kierkegaard prezará mais o *como* da relação que um indivíduo mantém com Deus, isto é, a veracidade da sua fé, do que propriamente ao *quê* essa fé se dirige, pois, embora verdadeira, ela pode assumir certas determinações equivocadas. Dirá Kierkegaard: “Se alguém que vive no seio

Mas o nosso filósofo tampouco descuidará da tradição que preparou o advento do cristianismo. E é por isto que Kierkegaard resgatará, na figura heterônima de Johannes de Silentio, um dentre os muitos personagens do Antigo Testamento como exemplo de cavaleiro da fé, o assim chamado *pai da fé*: Abraão. Trataremos pois da esfera religiosa, ou melhor dito, da fé mais detalhadamente a partir da exposição que Johannes de Silentio nos apresenta em *Temor e Tremor* da história e vida de Abraão. Porém antes de avançarmos a este capítulo, nos toca ainda fazermos umas breves considerações acerca da relação entre existência e cristianismo.

2.2. Existência e cristianismo

Não, eu havia firmemente resolvido fazer todo o possível para apresentá-lo sob sua forma verdadeira; pois não demorei, graças a minha educação, para poder me convencer da raridade de uma exposição fiel, capaz de perceber como seus defensores o traem na maioria das vezes, quão raramente seus adversários o atingem deveras, enquanto, segundo sempre me pareceu, ferem muitas com toda a exatidão a cristandade estabelecida, muito mais digna de ser chamada uma caricatura do verdadeiro cristianismo ou um imenso amontoado de erros e ilusões onde se junta uma fraca e magra dose de cristianismo autêntico.⁴⁹

Para Kierkegaard, o cristianismo é muito mais que uma simples doutrina religiosa; é, antes, a possibilidade mesma que o homem tem de se realizar plenamente. A revelação cristã é o que permite ao homem ascender do geral em direção à sua condição de indivíduo. No entanto, essa “ascensão” possui ainda um caráter dialético, pois o indivíduo não abandona o geral, ao contrário, coloca-se acima do geral, mas com vistas a se realizar na finitude, no próprio geral. Desse modo, apesar da mensagem cristã nos indicar algo que vai além do tempo e da história, isto é, a própria eternidade, o seu chamado consiste em que transformemos nossa existência numa experiência autêntica a partir daquilo que ela tem de concreto e finito. Dirá Frederico Secco que “... esse chamado não significa o convite para uma fuga do mundo e sim para uma experiência

do cristianismo vai a casa de Deus, a casa do verdadeiro Deus, com a verdadeira noção de Deus na sua mente (saber) e reza para ele, mas reza na não-verdade; e, em contrapartida, outro que vive em terra pagã (mas) ora com toda a paixão do infinito, ainda que os seus olhares se dirijam à estátua de um ídolo, onde há mais verdade? Um reza a Deus em verdade, embora adore um ídolo; o outro reza a Deus na não-verdade e, por isso, em verdade adora um ídolo” (SV, VII, pp.186-187).

⁴⁹ KIERKEGAARD, OC XVI, p.54 apud FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, p.212.

específica, que vai permitir ao homem agir no mundo e na história, a partir de uma outra perspectiva”.⁵⁰

O cristianismo alerta o homem sobre as questões relativas à sua própria liberdade. Tais questões só podem ser investigadas subjetivamente, através de uma caminhada solitária do homem no seu próprio interior. Não se trata, pois, de apreender o conceito geral e abstrato da liberdade mas, antes, de esforçar-se para reconhecer quais são ou não aquelas possibilidades que são mais próprias a mim mesmo, através de um autoexame. “Enquanto a ciência – distingue Kierkegaard – pretende ensinar que o caminho a seguir é fazer-se objetivo, o cristianismo ensina que o caminho consiste em tornar-se subjetivo, isto é, verdadeiramente sujeito”.⁵¹ Assim, o campo privilegiado a partir do qual a verdade pode ser alcançada será o da subjetividade. Dirá Kierkegaard: “O cristianismo quer propor ao indivíduo uma beatitude eterna, embora não a distribua de maneira coletiva, mas estritamente individual, a cada um em particular”.⁵²

Somente o indivíduo é capaz de chegar à verdade, nunca o geral, pois se trata daquela verdade que dará sentido à *sua* existência. Esta verdade não é algo imparcial, alheio às necessidades do indivíduo e tampouco é algo pronto e acabado, já dado. Pois é tarefa do indivíduo atualizá-la na sua existência, na sua própria vida, caso contrário cometeria o desastre de atribuir à verdade uma feição estranha e indiferente. Nesse sentido é que podemos dizer que somos uma espécie de *colaboradores* de Deus, na medida em que somos os únicos responsáveis por instaurar a verdade nas nossas vidas, revestindo-as de uma força renovada ao atendermos aquele apelo que nos convoca a sermos nós mesmos. “Tornar-se subjetivo seria assim a suprema tarefa designada a cada homem, tal como a mais alta recompensa, uma beatitude eterna, só existe para o homem subjetivo ou, mais exatamente, é gerada para quem se torna subjetivo”.⁵³

A revelação da verdade estabelecida pelo cristianismo tem como maior mérito devolver a esperança ao indivíduo pois que, após ter permitido que este vislumbrasse o sentido da sua existência, revigora-o com um novo ânimo. “Essa verdade é”, de acordo com Frederico Secco, “a doadora da esperança que irá

⁵⁰ SECCO, F. Schewerin, *A Solidão da Fé em Kierkegaard*, p.136.

⁵¹ OC X, p.123 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.184.

⁵² OC X, p.122 *apud* FARAGO, F., loc. cit.

⁵³ KIERKEGAARD, PS, p.107 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.225.

permitir ao indivíduo efetuar o movimento de retorno, de repetição, à finitude, para lutar contra toda a desesperança”.⁵⁴ Assim, o indivíduo que conseguiu encontrar o seu caminho, a sua possibilidade mais própria, gozará das condições e força necessárias para, toda vez que for preciso, extirpar da sua existência o maior mal que poderia sobrevir-lhe: a desesperança. “Desesperança esta – explica Secco – representada pelo não-sentido enquanto o Nada gerado pela angústia e que nos conduz ao desespero”.⁵⁵

Entretanto, a esperança que o cristianismo oferece aos homens não se confunde com a garantia de uma felicidade inabalável na existência. O cristão não está livre de experimentar angústia, tristeza ou desgosto somente porque é um cristão. Mas muito pelo contrário, justamente por ser um – por opor-se ao geral – é que ele enfrentará as mais duras provações, que exigirão dele tanto paciência quanto uma verdadeira paixão para enfrentar o seu martírio. “Amo por demais a vida e a condição humana para crer que o caminho que leva ao destino da exceção seja fácil e isento de tribulações interiores”,⁵⁶ desabafa Kierkegaard. A diferença entre o cristão e o homem comum (o qual Kierkegaard identifica com o pagão) está em que aquele, como portador que é da esperança, enfrenta as vicissitudes da sua vida com otimismo, serenidade e seguro que o seu amor por Deus tudo suporta. O cristão não se desespera frente aos infortúnios da vida, mas antes os encara como ocasiões de pôr em prática na sua própria vida a fé e o amor que o liga a Deus. Sobre isso Kierkegaard nos oferece um lindo e comovente testemunho:

Assim ia eu levando a vida, favorecido de todos os modos no que se relaciona com o espírito e com a vida material... Tudo era dado e tudo se fez para desenvolver meu espírito e enriquecê-lo o máximo possível. Cheio de coragem, assim ia eu vivendo, animado de um orgulho quase temerário. Em momento algum da vida perdi esta fé: querer é poder, salvo uma só coisa, lançar fora o fardo da melancolia que me mantinha prisioneiro [...]. Não demorei a aprender que triunfar era vencer no sentido do infinito, coisa que, no sentido do finito, equivale a sofrer. Assim esta convicção estava de acordo com a inteligência profunda de minha melancolia, segundo a qual eu não me achava propriamente apto para coisa alguma (no sentido do finito).⁵⁷

⁵⁴ SECCO, F. Schewerin, op. cit., p.138.

⁵⁵ Ibidem. loc. cit.

⁵⁶ PS, p.634 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.104.

Lutar com todas as forças contra a desesperança é, pois, o objetivo a ser atingido por cada um de nós e, sobretudo, a tarefa suprema daquele homem que, ao tomar consciência de si próprio, alcança a vida plena tornando-se num indivíduo perante Deus, ou ainda, num cristão. Temos, portanto, que possuir aquilo que Kierkegaard chamará de humilde coragem para cumprirmos, cada qual, o nosso destino. Continua Frederico Secco:

Cumprir um destino será, pois, percorrer um caminho de superação de todas as normas gerais e universais em vista de se encontrar a verdade eterna própria a cada um, através de um movimento de reflexão dialética interior, em que cada Indivíduo, através de um mergulho em sua própria transparência, toma consciência do sentido que diz respeito somente a ele mesmo e retorna dessa experiência ao mundo histórico, com vistas a cumprir uma ação original porque diz respeito somente a ele próprio.⁵⁸

No entanto, abraçar a verdadeira mensagem cristã nada tem a ver com aceitar indiscriminadamente aquilo que é imposto pela tradição em forma de dogmas. Não se trata, pois, de uma apreensão passiva, mas antes e pelo contrário de um exercício de apropriação levado a cabo pela própria liberdade, no qual o indivíduo deve vivenciar no seu mais profundo íntimo o paradoxo que é Cristo. Porque – de acordo com Kierkegaard – “o cristianismo é espírito, o espírito é interioridade, a interioridade é subjetividade, a subjetividade é essencialmente paixão, e em seu máximo paixão que sente um interesse pessoal infinito por sua beatitude eterna [...]”.⁵⁹ Só então o indivíduo pode ser considerado um verdadeiro cristão e se realizar plenamente.

Assim, cabe à reflexão a tarefa de questionar as interpretações oficiais ou usuais do cristianismo a fim de se chegar ao verdadeiro ideal cristão. Cada indivíduo deve, portanto, esforçar-se para aprender a discernir, a partir da sua subjetividade, o verdadeiro chamado de Cristo para daí poder ser a sua testemunha e o seu imitador. Porque, segundo Kierkegaard, o cristianismo “... se indaga sobre a subjetividade na qual, e só nela, reside sua verdade se ela se acha em alguma

⁵⁷ KIERKEGAARD, *Ponto de vista explicativo de minha obra*, OC XVI, p.55 apud FARAGO, F., *Compreender Kierkegaard*, pp.44-45.

⁵⁸ SECCO, F. Schewerin, op. cit., p.139.

⁵⁹ PS, p.20 apud FARAGO, F., op. cit., p.225.

parte, pois objetivamente ela não tem sombra de realidade. Ela se encontra só em um único sujeito, então só está nele”.⁶⁰ E vai além:

*Há quem veja o cristianismo como uma suma de dogmas: apresenta-o como a filosofia da Antiguidade, o hebraico ou como uma ciência qualquer, fica totalmente indiferente à atitude do ouvinte ou do discípulo. Isto, no fundo, é paganismo. O elemento próprio e decisivo do cristianismo é a atitude tomada em relação a ele. Um homem pode ser instruído em toda a sua doutrina, explicá-la, desenvolvê-la, expô-la. Mas se ele considera indiferente sua relação para com o cristianismo, é pagão. Mas o cristianismo foi destronado tal como se derrubaram todos os regimes. Enquanto deveria reinar sobre os homens, transformar a vida deles cada dia e não só aos domingos, enquanto deveria intervir categoricamente em todas as circunstâncias da existência, é visto como simples doutrina científica à distância: mostra-se a concordância de seus diversos dogmas; mas a minha vida e a tua vida, a conformidade ou a não-conformidade da vida dos homens com esta doutrina, é indiferente.*⁶¹

Uma vez que a verdade é subjetividade, exige, portanto, um exercício de apropriação, de ajuste da mensagem em relação àquele que, pela fé, a toma para si e a reduplica na sua existência. Sendo a fé o órgão de apropriação da verdade e sendo a verdade subjetiva, podemos concluir então que a fé é a mais alta expressão de uma subjetividade. A este apropriar-se da verdade Kierkegaard identifica a tarefa da cristandade: a de tornar-se de fato cristã, decidir-se e comprometer-se com a mensagem cristã, pois o simples fato de se ter nascido em solo ou em uma casa cristã, de professar os seus dogmas e frequentar a sua instituição não é suficiente para que alguém encontre a verdade pregada pelo cristianismo. A revelação cristã da verdade não é dada de maneira compulsória, devendo, pelo contrário, ser repetida particular e deliberadamente na vida de cada indivíduo. Kierkegaard lança assim uma provocação a toda a cristandade:

Um ortodoxo combate pelo cristianismo com a paixão mais extrema. Protesta, com o suor no rosto e com as atitudes mais preocupadas, que aceita o cristianismo puro e simples no qual quer viver e morrer – e esquece que essa adesão é uma expressão muito genérica para ter relações com o cristianismo – e não suspeita do pequeno segredo irônico, que um homem descrevendo apenas o como da sua interioridade pode mostrar indiretamente que é um cristão sem ter necessidade de pronunciar o nome de Cristo.⁶²

⁶⁰ OC X, p.122 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.184.

⁶¹ *Discours chrétiens, “Pensées qui attaquent dans le dos”* *apud* FARAGO, F., op. cit., p.209.

⁶² *Post Scriptum*, p.146 *apud* FARAGO, F., op. cit., p.218.

O cristianismo deve, antes de tudo, escandalizar, causar comoção, despertar a paixão mais intensa num indivíduo, pois do contrário será ou motivo de burla ou objeto de indiferença – em ambos os casos por pregar um absurdo. Quanto mais a sua mensagem for assimilada como algo ordinário, cotidiano, tanto mais perderá a sua força, o seu impacto: domestica-se o absurdo. O absurdo de que Deus se fez homem, de que o eterno entrou no tempo e caminhou entre nós. Contrariamente a Hegel, Kierkegaard não concebia Cristo como um simples e ainda imperfeito momento do Espírito Absoluto, mas como a plenitude da verdade. Que a verdade se mostrasse como um paradoxo absoluto não era, para Kierkegaard, encarado como uma limitação ou uma falha; pelo contrário, era a garantia mesma da sua autenticidade. Já Hegel queria conservar o cristianismo de um outro modo, dentro de uma linguagem filosófica: elevar ou traduzir a verdade ali contida da mera representação ao conceito (o qual rechaça o paradoxo). O enfraquecimento do acontecimento cristão, seja por causa da sua tradução em linguagem filosófica, seja devido ao excesso de comodidade com o qual as pessoas se relacionam com a sua mensagem e o seu paradoxo, é alvo de uma ironia tão crítica quanto mordaz de Johannes de Silentio:

A emoção invade-nos; regressa-se aos tempos afortunados; um doce e lânguido desejo condu-los à satisfação de avistarem Jesus nos caminhos da terra prometida. Esquece-se a angústia, a tribulação, o paradoxo. Era assim tão fácil não errar? Não era terrível que fosse Deus esse homem que andava com os outros? Não era terrível estar sentado à mesa com ele? Era assim tão fácil ser apóstolo? Mas o resultado, dezoito séculos de cristianismo, serve para alguma coisa: para esta abjeta burla pela qual cada um se engana a si e engana os outros.⁶³

O tipo de relação que o indivíduo mantém com Deus terá uma importância fundamental no modo como ele virá a encarar a sua própria existência. Se tiver fé e paixão suficientes para abraçar Deus e comprometer-se consigo próprio, então estará no caminho de uma vida autêntica e edificante. Se não conseguir efetuar este salto, se vacilar ao invés de tomar esta decisão radical, então viverá como um doente, um doente terminal, um doente para a morte: conviverá com o desespero.

⁶³ *Temor e Tremor*, pp.148-149.